

Escritos de artista

Marco Francesco Buti

palavras-chave: Uma curta reflexão em texto e imagem sobre espaços expositivos
bunker; cubo; branco contemporâneos.

keywords: A short text and image reflection about contemporary exhibition spaces.
bunker; cube; white

Uma importante coleção de Arte Contemporânea está abrigada no interior de um grande bunker da Segunda Guerra Mundial. O edifício foi originalmente concebido para proteger os trabalhadores das ferrovias, então essenciais, dos crescentes bombardeios anglo-americanos. A forma é cúbica; as paredes, espessas; as aberturas, mínimas. Nota-se imediatamente que os impactos dos projéteis tiveram um efeito desprezível sobre a maciça construção. As agressões da história ficaram contidas ali, naquelas superfícies, e o conteúdo, preservado.



Existem ainda muitos bunkers espalhados pelos palcos das batalhas do século XX. Projetados para suportar bombardeios, sua destruição costuma ser impossível em tempos de paz, ou excessivamente dispendiosa, o que dá na mesma. Com o tempo, como os castelos, esses edifícios acabam se tornando atrações turísticas, gerando ao menos parte dos fundos para sua manutenção. Não deve ter sido fácil nem barato transformar o antigo bunker, usado após a guerra como depósito de bananas, em galeria de Arte Contemporânea, exibindo a coleção pessoal do morador do último andar. Paredes e pisos grossos e resistentes tiveram de ser eliminados para viabilizar a montagem de obras concebidas sem aquelas restrições espaciais. Não haveria sentido em limitar a coleção apenas a trabalhos *site specific*, subordinando a liberdade artística aos cubículos destinados aos ferroviários.

A consagrada expressão “cubo branco” refere-se, evidentemente, às superfícies internas do espaço expositivo, onde deve predominar a neutralidade, para minimizar a interferência no trabalho artístico. Boa parte dos cubos brancos brasileiros, no entanto, não merece tal qualificação: trata-se de casas térreas, sobrados e outros espaços

arquitetônicos transformados em galerias de arte. Mas em alguns casos existe a disponibilidade de recursos para um projeto específico, ou reformas radicais. O cubo ideal pode se tornar concreto. Nada melhor que um edifício tão contemporâneo quanto as obras expostas. A boa arquitetura trata interior e exterior como unidade. O cubo branco interno influencia a aparência externa, que dialoga com a cidade. Mas, aí, não existe subordinação às exigências da obra de arte.

Nota-se que certo número de galerias tem se aproximado do bunker. As paredes não precisam ser tão maciças, é claro, mas as aberturas são mínimas, quando existem; nada indica o que poderia estar lá dentro, ao contrário de outras lojas, que fazem tudo o que é possível para atrair o comprador. Mesmo uma parede de vidro transparente tem o ar de impenetrabilidade. Faz parte de um cenário refratário ao público não especializado.

O bunker tem como função principal proteger seu interior contra a agressão extrema. Pode conter pessoas ou tesouros. O cubo branco protege o que de quem? Apresentar trabalhos artísticos nesses interiores, significa expor ou ocultar?





Marco Francesco Buti é artista plástico e professor de graduação e pós-graduação do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Artigo recebido em 19 de maio de 2017 e aceito em 2 de fevereiro de 2018.